



O massacre na República de Ruanda de 1994: um genocídio relatado por Philip Gourevitch.

Júlia B. Penachioni¹

RESUMO

A presente resenha busca apresentar de forma breve a obra de Philip Gourevitch intitulada: “Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda”. Nessa obra, o autor relata suas visitas ao país, palco de um dos maiores genocídios da história, além de análises e indagações particulares que emergem ao vivenciar a realidade presente e passada daquela terra.

Palavras-chave: Ruanda; genocídio; jornalismo; história.

Recebido em 27/03/2015
Aceito para publicação em 10/04/2015

GOUREVITCH, Philip. *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 350p.

A obra de Philip Gourevitch, intitulada *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda*, é um relato do próprio autor sobre suas visitas a Ruanda a partir de maio de 1995. Ele usa de jornalismo investigativo e reflexões pessoais para buscar a reconstituição da história a partir dos olhos dos envolvidos - desde sobreviventes até observadores da comunidade internacional - em um dos maiores massacres da história contemporânea.

¹ Internacionalista, mestranda em Ciência Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo. E-mail: julia.penachioni@gmail.com

Gourevitch é um correspondente da revista *The New Yorker* desde 1995, fazendo relatos da África, Ásia, Europa e EUA. Escreveu sobre os genocídios de Ruanda e Camboja e em 2005 tornou-se editor da revista *The Paris Review*.

É preciso ter em mente ao ler a obra que a análise de Gourevitch tem seu estilo jornalístico, podendo ser considerada distante dos modelos acadêmicos de outros autores que são pesquisadores da área. No entanto, o contato direto com os ruandeses e com a terra que foi palco de um genocídio dá ao ator uma sensibilidade extra ao tratar do assunto, tornando uma história distante no continente africano na história de toda a humanidade.

Gourevitch começa sua obra relatando sua ida a Kibungo, província de Ruanda, onde teve um primeiro contato com cadáveres chacinados dentro de uma igreja. Estavam espalhados e em decomposição, expostos como uma lembrança do terror. Nesse tom, o autor inicia suas indagações acerca do como e do porquê de tal catástrofe e utiliza de aproximações e conversas casuais com os ruandeses para tentar entender o ocorrido. Citando uma de suas conversas com o vice-presidente da Assembleia Nacional, Laurent Nkongoli:

Na história de Ruanda, todo mundo obedece à autoridade. As pessoas reverenciam o poder, e o nível de educação não é suficiente. Você pega uma população pobre e ignorante, joga uma arma na mão de cada um e diz: 'É sua. Mate'. Eles obedecerão. Os camponeses, que eram pagos ou forçados a matar, observavam as pessoas de um patamar socioeconômico mais elevado para ver como elas se comportavam. Portanto, as pessoas influentes, ou os grandes homens de negócio, são as grandes figuras do genocídio. Eles podem pensar que não mataram porque não tiraram vidas com suas próprias mãos, mas o povo os olhava à espera de ordens. E, em Ruanda, uma ordem pode ser dada muito silenciosamente (p.23-4).

Uma das grandes discussões envolvendo a história de Ruanda é a origem das etnias *tutsis* e *hutus*. Considerando-se que há uma grande miscigenação entre os povos que chegaram àquele território, é inegável que a principal distinção consiste em termos econômicos: os hutus eram em sua maioria lavradores e os tutsis pecuaristas, ou seja, estes eram a elite política e econômica devido ao valor dado ao gado.

A dominação europeia na África consagrou tal diferenciação a partir da “ciência das raças”, medindo, pesando e comparando as pessoas a fim de encontrar uma “raça superior”. A hipótese hamítica de Specke consagrou os tutsis como superiores aos hutus e, com a colonização belga, aqueles foram

favorecidos. “*Nada define tão vividamente a partilha quanto o regime belga de trabalhos forçados, que requeria verdadeiros exércitos de hutus para labutar em massa nas plantações, na construção de estradas e na silvicultura, sob as ordens de capatazes tutsis*” (p. 55).

Após a Segunda Guerra Mundial, a ONU começou a pressionar a Bélgica para preparar a independência de Ruanda, o que levantou uma onda revolucionária por parte dos hutus – que publicaram seu Manifesto – em busca de igualdade. Ou, segundo Gourevitch, tratava-se simplesmente de uma disputa pelo poder de um Estado bipolar.

A “revolução social” travada pelos hutus criara, por baixo da imagem da necessidade de democracia, uma verdadeira ditadura racial. O próprio governo começou a instigar assassinatos aos tutsis, chamados de “baratas”, levando grande parte dos tutsis ao exílio. Com a autoproclamação do general Habyarimana como Presidente, criou-se um partido político único, o Movimento Revolucionário Nacional pelo Desenvolvimento (MRND), do qual todos os cidadãos ruandeses faziam parte por lei.

Enquanto analisa a história de Ruanda, Gourevitch relata suas conversas com Odette, uma médica tutsi que sofreu perseguições no próprio hospital em que trabalhava, foi demitida e acabou sobrevivendo ao massacre. Durante o genocídio, não havia distinção entre médicos, pacientes e colegas, médicos hutus matavam pacientes tutsis e assim por diante; o massacre foi generalizado.

Os tutsis que estavam no exílio criaram um exército auto intitulado Frente Patriótica Ruandesa (FPR) e em 1990 invadiram Ruanda e declaram guerra ao regime político de Habyarimana. Mesmo não havendo nenhuma batalha, foi o pretexto perfeito para incitar o ódio contra os tutsis no país: quem não fosse hutu, era cúmplice da FPR.

A mídia foi manipulada tão bem pelo governo, que até mesmo a Anistia Internacional e outros grupos de direitos humanos lançaram campanhas para a libertação de Hassan Ngeze, editor do jornal Kanguka, que fora preso numa encenação por perturbação da ordem pública. Ele se tornou propagandista dos interesses do Estado após criar a imagem de mártir perante a sociedade internacional.

Os próprios franceses impediram o avanço da FPR, lutando ao lado das Forças Armadas Ruandesas (FAR) do governo hutu:

Paris via a África francófona como ‘chez nous’, uma extensão virtual da pátria, e o fato de a FPR ter emergido da anglófona Uganda inspirou a antiga fobia francesa de uma ameaça anglo-saxônica. Protegido por esse cobertor de segurança imperial, Habyarimana e sua panelinha no poder ficaram livres para ignorar a FPR por longos períodos e concentrar-se em sua campanha contra o desarmado ‘inimigo doméstico’ (p.88).

O território foi sendo construído para a “solução final” (forma chamada pelos hutus extremistas). O uso do rádio foi fundamental para criar o medo na sociedade e a imagem do “nós e eles”, cenário que remete assustadoramente ao holocausto nazista. Como mostra Gourevitch, para que o totalitarismo seja exercido é preciso moldar a mente das pessoas segundo o interesse do governo.

Foi a morte de Habyarimana, no entanto, o estopim para os acontecimentos estarrecedores que iriam suceder. Ao culpar a FPR e a UNAMIR pelo ataque ao então presidente, os extremistas hutus encontraram o momento perfeito para iniciar a carnificina.

Para o autor, o “ódio de massa” pode ser estimulado, mas reside, sobretudo, na fraqueza humana – um pensamento que leva a estabelecer uma ligação, mesmo que singela, à “banalidade do mal” de Hannah Arendt (1990). Estimado em 800 mil mortos, o genocídio de Ruanda marcou a história da humanidade para sempre. Mas será que marcou tanto assim?

A Assembleia Geral da ONU, em 1948, adotou a Convenção para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, em que os Estados se comprometeram a manter a paz e a ordem no mundo. Porém, como ironiza Gourevitch, será que a sociedade internacional lembrou que o povo ruandês faz parte do mundo e não de Marte? Na verdade, Marte teria uma importância estratégica maior para as grandes potências, mas por infelicidade do destino tratava-se de seres humanos, no continente africano, “abandonados à própria sorte”.

Os EUA levam grande crédito por esse abandono, pois conseguiu que o Conselho de Segurança da ONU determinasse um corte de 90% no contingente da UNAMIR, uma vitória do Poder Hutu. Foi somente depois do avanço das tropas da FPR e dos EUA finalmente desconsiderar o Poder Hutu diplomaticamente, que o conflito foi cessando. Segundo a Cruz Vermelha, o número de mortos chegara a 1 milhão.

Homenagens, honrarias, sofrimento e corpos estendidos. Reparações são

possíveis?

Nas palavras do advogado ruandês François Xavier Nkurunziza:

Quando você fala de justiça com nossos camponeses, a grande ideia é a compensação. Um vaqueiro ou lavrador que perdeu a sua família perdeu todo o seu sistema de sustentação econômica. Você pode matar o homem que cometeu genocídio, mas isso não é compensação – é só medo e raiva. É assim que os camponeses pensam (p.243).

O tribunal criminal internacional *ad hoc* para Ruanda foi considerado, pelo novo governo ruandês, como uma afronta ao judiciário do país e uma forma da sociedade internacional lidar com a própria consciência.

A escrita jornalística de Gourevitch é quase que um romance. Ao terminar sua obra, questiona se há esperança para Ruanda e para a humanidade como um todo, a partir da seguinte história contada por um prisioneiro do Poder Hutu:

Durante seu ataque à escola em Gisenyi, assim como no ataque anterior à escola em Kibuye, as alunas, adolescentes que haviam sido arrancadas do sono, receberam a ordem de se separarem – tutsis de um lado, hutus do outro. Mas as alunas haviam se recusado. Em ambas as escolas, as garotas disseram que eram simplesmente ruandesas, e por isso foram espancadas e alvejadas indiscriminadamente (p.347-8).

O posicionamento das meninas, em ir contra o ódio, mostrou que para se fazer a paz é preciso muito mais coragem do que para se fazer a guerra.

Referências

ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo. 1a reimpr. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990

ABSTRACT

This book review presents the work of Philip Gourevitch *We would like to inform you that tomorrow we will be killed with our families: stories from Rwanda*. In this work, the author narrates his visits to Rwanda, the place of one of the most miserable genocides in history, as well as his analysis and questions that emerged while experiencing the past and present reality of that country.

Keywords: Rwanda; genocide; journalism; history.